

# O património do Museu das Cruzes

(Conclusão da 1.ª pág.)

te de Campo, tenente Jorge Frutuoso da Silva; coronel Fernando Homem da Costa e dr. José António Melvil de Araújo, respectivamente presidente e presidente substituído da Junta Geral do Distrito; dr. Alberto de Araújo, dr. Agostinho Cardoso e eng.º Rui Vêira, deputados da Nação; dr. Fernando d'Almeida Couto, presidente da Câmara Municipal do Funchal; dr. Rui Albuquerque e dr. Alcindo Barreto, delegado e subdelegado do I. N. T. P., respectivamente; eng.º José Adolfo Pinto Eliseu, director-delegado da C. A. A. H. M.; eng.º José de Sena Lino, director da J. A. P. A. M.; eng.º Vaz Tomé, presidente da Comissão Distrital de Assistência; eng.º António Egídio Henriques de Araújo; eng.º Ricardo de Vasconcelos do Couto Cardoso; drs. Tomás Pita da Silva e Pontes Leça e Luís Pestana. A entrada, recebiam aquelas entidades os srs. dr. Angelo Augusto da Silva, dr. Frederico Augusto de Freitas e dr. António Aragão Mendes Correia, da Comissão Administrativa do Museu das Cruzes, e o encarregado sr. Alfredo Gomes de Barros.

## 333 peças agrupa a valiosa colecção de pratas

Seguiu-se a visita à valiosa colecção de pratas doadas ao Museu das Cruzes, durante a qual as autoridades superiores do distrito puderam apreciar o valor artístico das 333 peças que constituem o legado de João Wetzler.

### Sessão solene

Feita a entrega da importante doação, realizou-se uma sessão solene, durante a qual falou, primeiro, o sr. dr. Francisco Correia Figueira que, depois de render homenagens às autoridades presentes assim se expressou:

### Discurso do Dr. Francisco Correia Figueira

Encontro-me neste momento dominado por grande emoção e há tantos motivos para isso.

O acto que vou praticar, o facto que



o antecede — o desaparecimento da vida de João Wetzler — o estar face aos dignos representantes da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, a Junta Geral que eu pude servir durante mais de doze anos, com o calor e o entusiasmo próprios de uma idade que ainda era moça, o tratar-se de coisa que se prende com o Museu de César Gomes, sito na Quinta das Cruzes, a que me ligam recordações tão fortes, o encontrar-me na minha querida cidade, donde parti há quase vinte anos, tudo contribui para o especial estado de sensibilidade que me envolve.

A Junta Geral! Ao pronunciar estas palavras quantas lembranças me ocorrem! A Junta Geral! Tive-a dentro de mim, ocupou espaços largos da minha vida, exigiu-me sacrificios, acarretou-me desgostos, mas trouxe-me grandes consolações.

E tanto me devoti a ela, que quase só das consolações me lembro. E não resisto a recordar algumas.

Quando entrei para a Junta em 1935 — já lá vão mais de 30 anos — pude logo colaborar à vontade com o Dr. João Abel de Freitas e com o Eng.º António Henriques de Araújo

na elaboração de um extenso relatório que mereceu o comentário preciso e aturado da parte do Sr. Presidente do Conselho, em carta para o Presidente da Junta, trabalho esse que foi o ponto de partida para a equação e para a resolução, válida por uns tempos (nunca pode ser para sempre), de problemas da maior importância; como o das estradas, o dos aproveitamentos hidro-eléctricos, o da recuperação florestal, o do Liceu, o da instalação da própria Junta, o da extensão educacional e assistencial, o do alcance dos meios financeiros mais apropriados, etc.

Mais tarde, pude acompanhar o Prof. Marcello Caetano nos trabalhos da preparação do Estatuto dos Distritos Autónomos e prestar-lhe o melhor concurso de que fui capaz. Depois, o estudo que me foi cometido da reestruturação dos quadros da Junta, que tive o gosto de ver aceite e aprovado, e o trabalho de redistribuição dos funcionários pelos novos quadros, no qual a Comissão de então teve a mais ampla liberdade e que, julgo, soube levar a cabo sem atropelo da justiça. E ainda tantas outras participações de acção que me foram oferecidas e não vale a pena enumerá-las. Mas tudo isto se soma como prémios e profundas satisfações.

E já no último ano do exercício do meu mandato, deixaram-me os meus colegas as mãos livres para tratar de um problema que se pode assim designar: o problema da criação de uma Casa-Museu na Quinta das Cruzes.

Eram esses meus colegas o Dr. João Abel de Freitas — que, nomeado Governador, foi substituído pelo Eng.º Henriques de Araújo — e o Dr. Angelo Augusto da Silva que muito me encorajaram e me deram tantos estímulos. Negociei com César Filipe Gomes a doação da sua valiosíssima colecção à Junta Geral, com a condição da mesma ser instalada na Quinta das Cruzes, e pude propor e tratar da expropriação deste prédio, o que vim a conseguir poucos dias antes de abandonar a Junta Geral.

Devo à compreensão do então Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o Eng.º Gomes da Silva, do Eng.º Inspector-Superior de Obras Públicas, Eduardo Rodrigues de Carvalho, do dr. José Osório, que era ajudante do Procurador-Geral da República e hoje é o Conselheiro-Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e, sobretudo, devo à audiência que pôde merecer, a Sua Ex.ª c.ª o Presidente do Conselho, uma exposição que lhe fiz, esse grande prémio final que me foi concedido após um trabalho obstinado: o decreto que autorizou a Junta Geral a expropriar a Quinta das Cruzes.

A realização da obra admirável que lá está em medida nenhuma me pertence. Nela em nada participei, mas nem por isso deixa de ser uma das maiores consolações que tenho tido na minha resumida vida pública.

O trabalho ali levado a efeito deve-se às Comissões da presidência do Dr. João Figueira de Freitas, do Eng.º António Teixeira de Sousa e do Coronel Fernando Homem Costa e à extrema dedicação, ao bom gosto, à cultura artística, numa palavra, à fômos racistas; somos gentes de boa-

alta competência de dois grandes amigos meus, o Dr. Frederico de Freitas e o saudoso Dr. José Leite Monteiro.

Mas tudo isto não é o principal do que me traz aqui: o importante hoje é o legado de João Wetzler.

Falemos um pouco de João Wetzler. Em 1939, algum tempo antes de eclodir a guerra, apareceu no meu escritório o sr. Manuel Hugo Luis da Silva acompanhado de um estrangeiro, que não falava o português e mal o inglês.

Era um checoslovaco e vinha fugido de Praga, onde era importante comerciante, possuidor de vários estabelecimentos, e que, por ser judeu, era perseguido por dada corrente extremista, então pujante em certos pontos da Europa.

Queriam associar-se para a exploração da indústria de bordados, mas havia o problema de ser consentida a residência permanente do estrangeiro na Madeira.

O assunto foi visto por quem de direito e, neste país hospitaleiro e moderado, não extremista, foi permitida a residência ao israelita.

Nós, portugueses, somos assim: em parte alguma e em nenhum tempo — vontade e de bom contacto, temos uma real vocação integracionista, que vale bem mais do que leis como as que se usam publicar em certos países, de que se faz grande alarde, mas que não se cumprem.

Pois bem, esse estrangeiro, João Wetzler, associou-se com Manuel Luis da Silva e a firma prosperou.

Desenvolveu João Wetzler durante a guerra a exportação de produtos da ilha, não só de bordados, mas também de outros, alguns de criação sua, e, já mais para o fim do conflito, teve a ideia de montar um negócio de antiguidades, ali, na Rua da Carreira.

Estabeleceu o negócio com coisas que comprava nos leilões e, logo que terminou a guerra, foi a Inglaterra, que apresentava então condições favoráveis de mercado, onde pôde adquirir e trazer para a Madeira grande número de objectos de arte decorativa.

Ganhou dinheiro, é certo; mas foi veículo de enriquecimento desta terra em tantas e tantas peças de arte decorativa e contribuiu para desenvolver o gosto e o sentido estético de muita gente.

São numerosas as pessoas que têm alguma coisa comprada a João Wetzler; e nenhuma delas está arrependida, tenho a certeza.

Ora João Wetzler, com este pendor para as antiguidades e objectos de arte decorativa, acompanhou com interesse o problema da Quinta das Cruzes, a doação de César Filipe Gomes e a expropriação da propriedade.

E um belo dia, a propósito de desear naturalizar-se cidadão português, o que veio a conseguir, disse-me que deixaria, por sua morte, as suas pratas à Junta Geral, para o Museu da Quinta das Cruzes.

É uma colecção linda, de muito valor, em que avultam pratas portuguesas que adquiriu em Inglaterra. Não tinha tomado um compromisso, apenas manifestara uma intenção, fizera quando muito uma promessa particular, que não o vinculava. Mas dominava-o uma ideia e essa

é a que exprime no seu testamento: «Deixa à Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal a sua colecção de pratas, incluindo as antigas (nacionais e estrangeiras) existentes na Quinta da Saudade, sob a condição de a mesma transitar para o Museu da Quinta das Cruzes, onde ficará com indicação, expressa, de quem a legou, colecção que o testamenteiro adiante instituído, Pedro da Gama, confiará ao Doutor Francisco Alberto Corfeia Figueira, residente em Lisboa, que promoverá a entrega à legatária com transferência para o Museu. Que este legado é uma homenagem de devoção e gratidão a esta ilha da Madeira que tão bem o acolheu em tempos difíceis da sua vida, ou seja aquando das perseguições que se verificaram durante a última guerra mundial — pelo que assim cumpre o voto antigo que fielmente tem mantido».

Aqui estou a cumprir o que foi determinado: entrego a V. Ex.ª c.ª, Senhor Presidente, as pratas legadas por João Wetzler, que devidamente inventariadas, recebo da mão do seu testamenteiro Pedro da Gama que foi seu devotado servidor e amigo.

Está cumprida a minha missão e resta — me pedir sentidamente a todos V. Ex.ª c.ª. Excelências se recolham uns momentos e tenham um pensamento para a memória de João Wetzler e se lembrem que ele soube ser gentil e grato para com a Madeira, terra que amou e que foi a sua nova e a sua última pátria.



### Homenagem do presidente da Junta Geral

O sr. coronel Fernando Homem da Costa, depois, pronunciou as palavras seguintes:

Excelentíssimo Senhor Governador do Distrito

Excelentíssimo Senhor Governador Militar

Meus Senhores Considero dever indispensável, e é com muito prazer que o faço, aproveitar este momento para dizer duas palavras de homenagem à pessoa e ao espírito daquele cuja acção nos traz reunidos neste local.

O Senhor João Wetzler, checoslovaco de origem, veio para esta ilha numa época em que a sua vida,

ávida de sossego, exigia aquela paz e tranquilidade que só a Madeira, graças às suas condições especiais de clima, à sua paisagem, e ao seu ambiente social, lhe poderia proporcionar.

Aqui se instalou definitivamente, porque aqui encontrou o ambiente que sonhara e pelo qual se deixou cativar.

Naturalizou-se português e, como tal, aqui viveu.

Foi exemplo de trabalho e de prestígio, e por todos estimado e considerado.

Espirito culto e inteligente, colecionador de obras de arte e antiquário de renome, exerceu toda a sua actividade nesse campo, sendo o seu parecer uma certeza de perito avalizado, e a sua casa um verdadeiro museu.

Amou esta terra, como se madeirense fosse de nascimento, e acabou fazendo-a fiel depositária e detentor daquilo que em vida lhe era mais querido.

Conhecedor do valor das colecções que possuía, e reconhecido a esta terra que tão bem o acolhera e lhe deu a paz de espírito que tanto desejara, doou, por sua morte, a sua colecção de pratas, entre as quais se incluem numerosas preciosidades de ourivesaria antiga portuguesa, à Junta Geral do Distrito, para regaio espiritual de todos nós, que lhe havíamos dado o nosso convívio amigo

Não podemos deixar de apreciar e registar o seu gesto de gratidão. Mais do que o valor material da doação feita, que é grande, marca, em sua memória, o espírito que orientou e concretizou essa mesma doação.

Era colecção preciosa e a que votara valor estimativo especial e, tal vez por isso mesmo, como reconhecimento da tranquilidade de espírito que aqui conseguira, quis que fosse a Madeira a ficar com aquilo que em vida lhe era mais grato e maior carinho lhe merecera.

A Junta Geral sente-se satisfeito por guardar um legado que engloba tal espírito, e com ela poder perpetuar a memória da pessoa que o doou — daquele que em vida foi JOÃO WETZLER.

As homenagens da Junta Geral, e que Deus o tenha sob a Sua protecção.

Paz à sua alma. Tenho dito.

### Palavras do Governador do Funchal

Encerrou a sessão o sr. Comandante João Inocêncio Camacho de Freitas.

Assim principiou S. Ex.ª o seu improviso: «Uma palavra apenas e essa não pode deixar de ser para a memória do sr. João Wetzler».

Continuando, o Chefe do Distrito sublinhou que o legado entregue à Junta Geral demonstrava o carinho do falecido colecionador de obras de arte, pela Madeira, merecendo, pois, a «decisão final da sua vida», profunda admiração.

«Felicitó a Junta Geral pelo legado que vem dar a este Museu um valor ainda mais apreciável».

# O EX-GENERAL ZELLER FOI LIBERTADO

TULLE (França), 13 — O antigo general André Zeller, um dos quatro chefes da «Revolta dos generais» na Argélia, em 22 de Abril de 1961, saí hoje da prisão, ao abrigo de uma amnistia concedida pelo presidente De Gaulle em comemoração do 1.º de Julho — foi hoje anunciado.

Zeller cumpre apenas quatro dos 15 anos de prisão que lhe foram impostos por um tribunal militar superior, em 31 de Maio de 1962

As notícias aqui chegadas dizem, contudo, que não serão amnistiados os outros três dirigentes da revolta, os ex-generais Salan, Challe e Jouhaud. Zeller foi sempre considerado como o menos importante do grupo.

A «revolta dos generais», que durou apenas quatro dias, mas que criou a ameaça de uma guerra civil em França, foi a última tentativa do Exército francês para impedir a independência da Argélia.

Depois disso, Salan tornou-se o chefe da Organização do Exército Secreto (O. A. S.). — ANI

## INAUGURADO EM CHIBUTO

### O CAMPO DE AVIAÇÃO «PLÁCIDO DE ABREU»

CHIBUTO, 13 — Integrado nas comemorações do aniversário da Revolução Nacional foi inaugurado nesta vila moçambicana o campo de aviação, ao qual foi dado o nome de Plácido de Abreu, em homenagem à memória daquele piloto-aviador.

Ao acto inaugural estiveram presentes o governador do distrito de Gaza e o presidente da comissão concelhia da U. N. do Chibuto, MNF e outras individualidades civis e militares, bem como aviadores das FAP.

Depois da inauguração procedeu-se à bênção do campo, seguindo-se um festival aeronáutico. — L.

A terminar, o sr. Comandante João Inocêncio Camacho de Freitas agradeceu ao sr. dr. Francisco Correia Figueira as palavras com que o distinguiu e venceu quanto a nossa ilha deve à acção do ilustre advogado nosso conterrâneo, constituindo o legado do sr. João Wetzler mais um serviço que a Madeira lhe ficava devendo, e é o orgulho da Junta Geral.

# SABÃO têVê GARANTIA DE BRANCURA E ECONOMIA

Qualidade e preço: MELHORES

SUPER têVê perfumado em blocos de 333 grs., ao preço de 4\$40

EXTRA têVê em blocos de 400 grs., também ao preço de 4\$40



Agente na Madeira: — Francisco Paulino Mendes — Rua do Esmeraldo, 51-2.º Telef. 23963 e 24223.

COM SABÕES têVê: LIMPEZA E SUPERIOR QUALIDADE